REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM

MUSIC AS A TOOL FOR PEDAGOGICAL INNOVATION IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: CONTRIBUTIONS TO TEACHING AND LEARNING

Ciências Humanas • 25/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/795534068

Adilson Alexandre de Souza[1]

RESUMO

Esta pesquisa analisa a música como ferramenta de inovação pedagógica na Educação Física escolar, considerando suas contribuições para as práticas docentes e para os processos de ensino e aprendizagem. Parte-se da compreensão de que o uso intencional de ritmos, sons, danças, brincadeiras cantadas e experiências de criação musical pode ampliar as possibilidades de participação e expressão corporal dos estudantes. O objetivo geral foi analisar as contribuições da música como recurso de inovação pedagógica, com atenção à motivação, ao desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional e à aprendizagem significativa. Desenvolveu-se pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, organizada a partir de quinze referências publicadas entre 2022 e 2026, contemplando estudos sobre musicalidade, ludicidade, dança, capoeira, desenvolvimento integral e metodologias inovadoras. A discussão foi estruturada em três eixos: utilização da música como recurso didático, contribuições ao desenvolvimento do estudante e integração musical às práticas de ensino. A análise indica que a música, quando articulada aos objetivos curriculares e às características das turmas, pode favorecer a organização rítmica do movimento, a cooperação, a criatividade, a expressividade e o envolvimento nas aulas. Identificam-se, contudo, desafios referentes ao planejamento, à formação docente, à acessibilidade e à avaliação das aprendizagens. Conclui-se que a inovação não depende apenas da presença de música nas atividades, mas da intencionalidade pedagógica que transforma a experiência sonora em oportunidade de aprendizagem corporal, cultural e social.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Música; Inovação pedagógica; Aprendizagem.

ABSTRACT

This study analyzes music as a tool for pedagogical innovation in school Physical Education, focusing on its contributions to teaching practices and learning processes. It is grounded in the understanding that the intentional use of rhythms, sounds, dance, singing games and musical creation experiences can broaden students' opportunities for participation and bodily expression. The general objective was to examine the contributions of music as a pedagogical innovation resource, with particular attention to motivation, motor, cognitive and socio-emotional development, and meaningful learning. A qualitative bibliographic study was conducted based on a defined corpus of fifteen references published between 2022 and 2026, addressing musicality, playfulness, dance, capoeira, integral development and innovative teaching methods. The discussion was organized into three axes: the use of music as a teaching resource, its contributions to student development and its integration into teaching practices. The analysis suggests that music, when aligned with curricular objectives and the characteristics of each class, may support rhythmic coordination, cooperation, creativity, expressiveness and engagement in Physical Education lessons. Challenges nevertheless remain in instructional planning, teacher education, accessibility and learning assessment. It is concluded that innovation does not arise merely from playing music during activities, but from the pedagogical intentionality that turns sound experiences into opportunities for bodily, cultural and social learning.

Keywords: School Physical Education; Music; Pedagogical innovation; Learning.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar constitui um componente curricular que oferece oportunidades de aprendizagem por meio da cultura corporal do movimento, envolvendo jogos, brincadeiras, danças, lutas, ginásticas, esportes e outras práticas culturalmente produzidas. Para além da execução de gestos motores, essas experiências mobilizam emoções, decisões, relações interpessoais, repertórios culturais e formas de expressão. Nesse cenário, a música pode integrar-se ao planejamento docente como linguagem capaz de organizar sequências de movimento e enriquecer situações de ensino. A investigação de Oliveira, Soares e Fonseca (2022) sobre a dança na Educação Física infantil ajuda a compreender a relevância de experiências corporais expressivas, enquanto Lemos e Venâncio (2025) evidenciam possibilidades de trabalho lúdico com manifestações culturais, como a capoeira.

A presença da música no cotidiano dos estudantes não significa, entretanto, que sua utilização nas aulas esteja automaticamente associada a uma aprendizagem efetiva. Canções podem ser empregadas apenas como fundo sonoro ou como recurso para animar tarefas repetitivas, sem diálogo com objetivos de formação. A inovação pedagógica pressupõe escolhas planejadas e situações nas quais os estudantes escutam, interpretam, criam, exploram ritmos, elaboram movimentos e refletem sobre suas experiências. Nessa direção, Carneiro (2024) trata da potencialização da música como recurso no processo de ensino e aprendizagem, indicando uma perspectiva de intervenção intencional, e Adorno (2022) aborda a importância de parâmetros do som para o trabalho educativo.

O debate adquire relevância diante do desafio de construir aulas mais participativas, inclusivas e sensíveis às diferenças entre os alunos. As práticas corporais são vivenciadas por sujeitos com

interesses, habilidades e histórias culturais distintos, o que exige estratégias diversificadas, evitando que o rendimento técnico seja o único critério de valorização. Guedes *et al.* (2024) situam o lúdico como dimensão relevante da Educação Física escolar; por sua vez, Ferreira (2024) discute a relação entre experiência musical e desenvolvimento cognitivo e socioemocional. A aproximação entre essas discussões permite compreender que ritmo, brincadeira e convivência não representam elementos acessórios, mas componentes possíveis da aprendizagem escolar.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as contribuições da música como ferramenta de inovação pedagógica nas aulas de Educação Física escolar, considerando suas potencialidades para o aprimoramento das práticas docentes e dos processos de ensino e aprendizagem. Como objetivos específicos, buscou-se identificar as possibilidades de utilização da música como recurso pedagógico nas aulas; investigar suas contribuições para motivação, participação e desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional; e compreender de que maneira sua integração às práticas pedagógicas pode favorecer a inovação metodológica e a aprendizagem significativa na Educação Física escolar.

A escolha do tema justificou-se pela necessidade de ampliar o repertório didático dos professores e discutir caminhos que valorizem as experiências corporais dos estudantes. Em diversas propostas, a relação entre música e movimento favorece atividades nas quais a escuta, a percepção temporal, a memória, a elaboração coletiva e a criatividade são mobilizadas em conjunto. Costa (2026) e Grando, Duarte e Silva (2026) abordam a musicalidade e o desenvolvimento integral na Educação Infantil, trazendo argumentos que podem dialogar com o planejamento da Educação

Física, desde que respeitadas as particularidades de cada etapa de escolarização. A relevância social do tema também se expressa na possibilidade de valorizar repertórios musicais diversos, incluindo manifestações locais e populares.

Do ponto de vista metodológico, realizou-se um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, com base em quinze referências delimitadas para o artigo, publicadas entre 2022 e 2026. As contribuições foram organizadas em torno do uso da música como recurso didático, de suas relações com o desenvolvimento dos estudantes e das possibilidades de inovação pedagógica. Cabe distinguir os trabalhos diretamente voltados à Educação Física daqueles realizados na Educação Infantil ou em outras áreas do conhecimento, utilizando estes últimos como aportes complementares, e não como comprovação específica de resultados em aulas de Educação Física. Essa delimitação sustenta uma interpretação crítica e proporcional ao alcance das fontes examinadas.

Diante desse contexto, estabeleceu-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a utilização da música como ferramenta de inovação pedagógica pode contribuir para o aprimoramento das práticas docentes e dos processos de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física escolar? A resposta foi construída por meio da articulação entre as discussões sobre musicalidade, cultura corporal, ludicidade, desenvolvimento integral e planejamento educacional, com a finalidade de apontar possibilidades concretas de aplicação e condições necessárias à efetividade da proposta.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU REVISÃO DA LITERATURA

2.1. A Música Como Recurso Pedagógico nas Aulas de Educação Física Escolar

A música pode ser compreendida como uma linguagem que organiza sonoridades em relações de duração, intensidade, altura e timbre, permitindo múltiplas experiências de percepção e criação. No espaço escolar, esses elementos podem ser associados ao movimento sem que a atividade se reduza à reprodução mecânica de passos. Adorno (2022), ao discutir parâmetros do som na Educação Infantil, oferece uma contribuição importante para pensar a escuta como aprendizagem: reconhecer contrastes entre sons longos e curtos, fortes e fracos, graves e agudos possibilita estabelecer correspondências com velocidades, amplitudes e qualidades do gesto corporal. Na Educação Física, essa articulação pode ocorrer por meio de jogos de atenção, circuitos rítmicos, deslocamentos criativos e improvisações orientadas.

O uso pedagógico da música exige a distinção entre acompanhamento sonoro e mediação didática. Em uma aula com música de fundo, a experiência auditiva pode apenas marcar o ambiente; quando os estudantes analisam pulsação, constroem sequências de passos, alternam movimentos conforme o ritmo ou criam uma paisagem sonora para uma brincadeira, o som passa a participar da construção do conhecimento. Carneiro (2024) enfatiza, no campo da formação e da prática de ensino, a possibilidade de potencializar a música no processo educativo. Tal perspectiva ajuda a defender que objetivos, conteúdos, estratégias e critérios de acompanhamento sejam definidos antes da escolha de uma canção ou de um repertório de execução.

As possibilidades de integração da música à Educação Física aparecem especialmente nas práticas corporais vinculadas à dança e às manifestações culturais. Oliveira, Soares e Fonseca (2022) discutem a importância da dança na Educação Física infantil, ressaltando suas relações com vivências físicas, cognitivas e sociais. Nas aulas, esse conteúdo pode ser tratado mediante exploração de passos tradicionais, observação de diferentes estilos, experimentação de gestos e composição coletiva de pequenas coreografias. A proposta, quando planejada de forma inclusiva, permite que os estudantes construam relações entre organização do corpo no espaço, sensibilidade rítmica, comunicação não verbal e reconhecimento de repertórios culturais.

A capoeira oferece outro exemplo de relação histórica entre movimento e musicalidade. O ensino dessa manifestação exige reconhecer a articulação entre gestos, instrumentos, cantos, rodas e processos de transmissão cultural, evitando reduzi-la a uma sequência de movimentos descontextualizados. Lemos e Venâncio (2025) analisam uma proposta lúdica de capoeira desenvolvida com estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental e demonstram a pertinência de abordar práticas corporais culturalmente situadas. A experiência permite refletir sobre o papel de cantigas e marcações rítmicas na organização da participação coletiva, considerando que a dimensão musical constitui parte da própria manifestação estudada.

A ludicidade aproxima a experiência musical das necessidades pedagógicas de diferentes faixas etárias. Guedes *et al.* (2024) discutem o uso do lúdico na Educação Física escolar e sua relação com o desenvolvimento dos estudantes. Essa abordagem pode sustentar atividades como jogos de estátua musical, desafios de

reprodução e transformação de sequências rítmicas, brincadeiras de roda, dramatizações sonoras e percursos que alternem movimentos conforme sinais auditivos. Mais importante do que o caráter recreativo, porém, é a possibilidade de trabalhar atenção, antecipação, cooperação, lateralidade e elaboração de regras, estabelecendo conexões claras entre a brincadeira e a aprendizagem pretendida.

A seleção do repertório musical também expressa uma escolha curricular e cultural. Canções regionais, ritmos populares, músicas indígenas e afro-brasileiras, manifestações urbanas e produções dos próprios estudantes podem constituir objetos de investigação corporal. Essa diversidade favorece o reconhecimento de pertencimentos e amplia as formas de escuta, desde que o professor contextualize as manifestações sem estereotipá-las. Almeida, Narita e Veiga (2025) discutem a importância da música na Educação Infantil, enquanto Costa (2026) aborda a musicalidade como parte do desenvolvimento integral. Embora essas produções não se concentrem necessariamente na Educação Física, dialogam com a compreensão de que a linguagem musical pode compor experiências educativas culturalmente significativas.

Para que a música favoreça o ensino, também se torna necessário considerar aspectos materiais e de acessibilidade. A escola pode trabalhar com palmas, percussão corporal, objetos cotidianos, instrumentos confeccionados com materiais simples e recursos digitais, sem depender de equipamentos caros. O planejamento deve prever alternativas para estudantes com hipersensibilidade auditiva, deficiência auditiva ou restrições motoras, articulando vibração, gestualidade, sinais visuais, escolhas de intensidade e diferentes modos de participação. A experiência musical ganha

densidade pedagógica quando todos podem explorar sons e movimentos de maneira segura, respeitosa e ativa, e não quando apenas os alunos com maior familiaridade rítmica recebem protagonismo.

Assim, a utilização da música na Educação Física escolar pode ultrapassar a função de estímulo ao exercício ou de ornamentação da aula. Seu potencial didático aparece no vínculo entre percepção sonora, prática corporal, contextualização cultural e produção de sentidos pelos estudantes. Adorno (2022), Carneiro (2024), Oliveira, Soares e Fonseca (2022) e Lemos e Venâncio (2025) oferecem, a partir de objetos diferentes, subsídios para pensar essa articulação. A síntese desses aportes indica que a música se torna recurso pedagógico quando participa da investigação do movimento e da construção do conhecimento, promovendo situações de aprendizagem que não seriam equivalentes à simples execução de atividades ao som de uma playlist.

2.2. Contribuições da Música para o Desenvolvimento Motor, Cognitivo e Socioemocional dos Estudantes

A relação entre música e desenvolvimento estudantil deve ser analisada a partir de processos interdependentes, sem pressupor que a exposição musical produza resultados uniformes para todos os alunos. Em atividades nas quais ritmo e movimento são articulados, podem ser mobilizadas a percepção temporal, a coordenação entre segmentos corporais, a atenção compartilhada, a memória de sequências e a comunicação. Ferreira (2024) aborda contribuições da música ao desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança, enquanto Grando, Duarte e Silva (2026) discutem a importância de experiências musicais no desenvolvimento na

Educação Infantil. Esses estudos ajudam a sustentar o planejamento de experiências integradas, embora seus apontamentos precisem ser interpretados conforme a etapa escolar e o contexto da Educação Física.

No campo motor, a pulsação musical pode atuar como referência para deslocamentos, mudanças de direção, saltos, giros e organização de movimentos em grupo. Ao explorar aceleração, pausa e repetição, o estudante precisa perceber o próprio corpo em relação ao tempo e ao espaço. A dança, descrita por Oliveira, Soares e Fonseca (2022) como conteúdo importante na Educação Física infantil, permite integrar movimentos expressivos e experimentação de diferentes ritmos. Essas experiências podem enriquecer o repertório motor, sobretudo quando o professor oferece desafios progressivos e respeita os modos particulares de participação, evitando comparações baseadas exclusivamente em precisão técnica.

A aprendizagem de sequências rítmicas também pode envolver componentes cognitivos relevantes. Memorizar padrões, reconhecer alterações de intensidade, prever a continuidade de uma música e criar respostas corporais requerem atenção, planejamento e flexibilidade. Adorno (2022) apresenta a exploração dos parâmetros sonoros como elemento da prática pedagógica, o que permite pensar atividades de classificação, contraste e interpretação sonora. Já Brião (2025), ao propor a produção musical como recurso para o ensino de acústica em Física, apresenta um exemplo de articulação entre experimentação sonora e construção conceitual em outra área. A transposição para a Educação Física deve, entretanto, preservar os objetivos da cultura corporal e não confundir

aprendizado musical com aquisição automática de habilidades cognitivas gerais.

As dimensões socioemocionais aparecem quando a proposta musical exige escuta recíproca, negociação, respeito às diferenças e produção coletiva. Amorim (2025), ao estudar a linguagem musical como mediadora do desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil, destaca possibilidades relacionadas à empatia, cooperação, expressão emocional e autorregulação. Em uma aula de Educação Física, essas competências podem ser mobilizadas em tarefas como compor uma dança em grupo, criar regras para um jogo rítmico ou organizar uma roda que dependa de atenção aos sinais dos colegas. Não se trata de atribuir à música um efeito terapêutico geral, mas de reconhecer situações pedagógicas nas quais as relações sociais fazem parte da aprendizagem.

A participação e a motivação também precisam ser examinadas de maneira cuidadosa. Atividades musicais podem aproximar os conteúdos da vida cotidiana e dos gostos culturais dos estudantes, tornando a aula mais significativa para determinados grupos. Entretanto, uma seleção musical pouco representativa ou excessivamente alta pode produzir desconforto, constrangimento e exclusão. Costa (2026) destaca a musicalidade no desenvolvimento integral da criança, e Guedes *et al.* (2024) discutem o valor pedagógico das experiências lúdicas. Juntas, essas abordagens indicam a importância de oferecer escolhas, promover engajamento sem obrigatoriedade de exposição individual e construir espaços em que a participação seja valorizada em suas diferentes formas.

A dimensão emocional das práticas corporais pode ser fortalecida quando os estudantes reconhecem diferentes sensações geradas

pelos movimentos e pelos ambientes sonoros. Batista (2025), ao relacionar Educação Física e educação positiva ao desenvolvimento socioemocional no Ensino Fundamental, introduz uma discussão pertinente sobre convivência e formação integral. A música pode contribuir para essa perspectiva quando permite alternar momentos de atividade intensa e percepção corporal, expressar estados afetivos sem avaliação de desempenho e discutir respeito em produções coletivas. Seu papel, contudo, depende da mediação do professor e da existência de um ambiente que acolha emoções e conflitos de modo responsável.

A contribuição cultural e identitária não deve ser separada dos processos motores e socioemocionais. Ao conhecer a musicalidade da capoeira, das danças populares e de outras práticas corporais, o estudante tem contato com formas históricas de criação coletiva e pertencimento. Lemos e Venâncio (2025) oferecem referência importante para abordar a capoeira de maneira lúdica, considerando seus sentidos culturais. Isso favorece a compreensão de que ritmo não representa apenas contagem de tempos: constitui expressão de memória, tradição, resistência e sociabilidade. A valorização desse patrimônio pode ampliar a experiência de aprendizagem ao mesmo tempo que questiona modelos de aula centrados em um repertório corporal restrito.

Dessa maneira, as contribuições da música ao desenvolvimento estudantil devem ser tratadas como possibilidades pedagógicas contextualizadas. Os aportes de Ferreira (2024), Amorim (2025), Oliveira, Soares e Fonseca (2022), Batista (2025) e Grando, Duarte e Silva (2026) permitem discutir dimensões cognitivas, motoras, sociais e afetivas, mas não autorizam afirmar que todas as experiências musicais produzam os mesmos resultados. O êxito depende de

planejamento, mediação, adaptação e acompanhamento das aprendizagens; por isso, as aulas precisam contemplar critérios observáveis, como ampliação do repertório de movimentos, cooperação nas tarefas, capacidade de interpretação rítmica e participação respeitosa dos estudantes.

2.3. Inovação Pedagógica e Aprendizagem Significativa: A Integração da Música às Práticas de Ensino da Educação Física

A inovação pedagógica na Educação Física não se confunde com a introdução de equipamentos novos ou com a substituição indiscriminada de práticas consolidadas. Inovar significa reconstruir a relação entre objetivos educacionais, experiências propostas e modos de participação, buscando respostas mais coerentes com a realidade das turmas. Alves *et al.* (2025) discutem inovações pedagógicas e integração curricular em uma escola quilombola do Amapá, trazendo à reflexão a necessidade de relacionar ensino, cultura e desenvolvimento integral. Nessa perspectiva, a música pode funcionar como articuladora entre diferentes conteúdos da Educação Física, desde que o planejamento preserve a especificidade das práticas corporais e reconheça a diversidade de repertórios presentes na comunidade escolar.

O conceito de aprendizagem significativa ajuda a problematizar a seleção e a mediação dos conteúdos. Uma vivência se torna pedagogicamente relevante quando o estudante consegue relacionar o novo conhecimento às experiências que já possui, identificar sua utilidade em situações distintas e produzir interpretações próprias. Brião (2025), ao abordar produção musical no ensino de acústica, apresenta uma aproximação entre criação sonora e construção de conhecimentos conceituais. Embora o

contexto disciplinar seja diferente, a ideia permite pensar tarefas de Educação Física nas quais os alunos investiguem o ritmo de movimentos, comparem padrões sonoros, expliquem suas escolhas e reorganizem produções corporais com base no que descobriram.

Experiências interdisciplinares mostram que a música pode ser mobilizada de formas variadas, sem que os resultados sejam automaticamente transferíveis de uma área para outra. Gomes e Pontes (2025) relatam uma atividade de ensino jurídico que associou música e sala de aula invertida, com participação ativa dos estudantes. O interesse dessa experiência para a Educação Física está menos no conteúdo jurídico e mais na lógica metodológica: a criação de materiais musicais pelo estudante e o uso de estratégias participativas podem alterar sua posição no processo de aprendizagem. Em aulas de práticas corporais, isso poderia ocorrer pela pesquisa de ritmos, criação de sequências motoras e apresentação de justificativas para as opções realizadas.

A construção de narrativas também amplia a dimensão criativa das experiências corporais. Ferreira (2025) relata o uso de storytelling associado à música popular brasileira no ensino de Educação Física a distância, destacando a possibilidade de integrar narrativas e componentes culturais. No ambiente presencial da Educação Básica, uma proposta análoga poderia envolver a criação de histórias corporais sonorizadas, trajetórias de personagens representadas por gestos ou pequenas produções sobre a origem de uma dança. A pertinência desse tipo de aproximação depende de sua conexão com o currículo e da avaliação crítica sobre o que os alunos efetivamente aprendem com a experiência.

A incorporação da música às metodologias de ensino também pode reorganizar os papéis de professor e estudante. Em lugar de oferecer coreografias integralmente prontas, o docente pode propor problemas de criação, perguntas orientadoras e desafios colaborativos. Os grupos poderiam investigar como representar movimentos suaves e intensos, como utilizar pausas para modificar a dinâmica de um jogo ou como adaptar uma sequência coletiva para participantes com diferentes necessidades. As discussões de Carneiro (2024) sobre música como recurso pedagógico e de Guedes *et al.* (2024) sobre ludicidade apontam para abordagens em que a experiência se constrói por participação, exploração e reflexão, e não apenas pela repetição.

A inovação exige considerar o currículo, os recursos disponíveis e as condições institucionais. A articulação entre música e Educação Física pode ocorrer com instrumentos simples, repertórios vocais, percussão corporal ou aplicativos de produção sonora, sem depender necessariamente de infraestrutura sofisticada. No entanto, a escolha de ferramentas digitais deve observar proteção de dados, direitos autorais e adequação à idade dos estudantes. Almeida, Narita e Veiga (2025) contribuem para a discussão da música na educação e Brião (2025) amplia as possibilidades de criação sonora mediada por tecnologias. Em ambos os casos, o recurso precisa estar subordinado à finalidade formativa e não funcionar como indicador isolado de modernização.

A avaliação das atividades musicais constitui parte essencial da inovação metodológica. O professor pode acompanhar o processo de aprendizagem por meio de registros de observação, autoavaliação, rodas de conversa, portfólios de produções e critérios previamente compartilhados. Entre esses critérios estão a

capacidade de cooperar, experimentar diferentes soluções de movimento, reconhecer relações entre ritmo e ação corporal e contextualizar manifestações culturais. Avaliar apenas a fidelidade a uma coreografia tende a restringir a experiência de aprendizagem e desconsiderar competências construídas durante o processo. A perspectiva de desenvolvimento integral discutida por Alves *et al.* (2025) reforça a importância de uma análise formativa, coerente com objetivos amplos de Educação Física.

Portanto, a música pode constituir uma ferramenta de inovação pedagógica quando passa a integrar o modo de investigar, criar, discutir e avaliar práticas corporais. Os trabalhos de Alves *et al.* (2025), Gomes e Pontes (2025), Brião (2025) e Ferreira (2025) permitem reconhecer estratégias de integração curricular, produção musical, participação ativa e narrativa, embora tratem de contextos distintos. A aproximação dessas contribuições oferece possibilidades metodológicas a serem adaptadas e testadas no cotidiano da Educação Física escolar, sem transformar analogias entre áreas em provas de eficácia. O ponto central reside na intencionalidade docente e na capacidade de vincular cada recurso musical a uma aprendizagem identificável.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por meio de estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. Seu propósito consistiu em analisar contribuições teóricas sobre o uso da música na Educação Física escolar, organizando possibilidades de aplicação pedagógica e discutindo limites de sua utilização. A opção pela investigação bibliográfica mostrou-se pertinente porque o problema proposto buscou compreender relações conceituais e

aproximações entre diferentes experiências educacionais, sem realizar coleta de dados com estudantes ou professores e sem produzir medidas experimentais de aprendizagem.

O corpus de análise foi delimitado pelas quinze referências indicadas para a elaboração do artigo, publicadas entre 2022 e 2026. O conjunto contemplou artigos científicos, trabalhos acadêmicos, capítulos e produções disponibilizadas em periódicos e repositórios institucionais. Foram considerados estudos diretamente vinculados à Educação Física escolar, a exemplo de Oliveira, Soares e Fonseca (2022), Guedes *et al.* (2024) e Lemos e Venâncio (2025), bem como publicações sobre musicalidade na Educação Infantil e experiências de inovação em outras áreas. Essa heterogeneidade foi assumida como característica do corpus, exigindo cuidado na interpretação de cada contribuição.

A organização temática utilizou descritores referentes aos conceitos centrais do estudo, entre eles música e educação, musicalidade na escola, Educação Física escolar, dança, ludicidade, ritmo e movimento, desenvolvimento socioemocional, inovação pedagógica e aprendizagem significativa. Como estratégia reprodutível de localização e conferência bibliográfica, esses termos podem ser combinados por operadores, como “música” AND “educação física”, “ritmo” AND “aprendizagem”, “dança” AND “escola” e “inovação pedagógica” AND “música”. Na conferência das obras acessíveis, foram utilizados registros de periódicos, páginas de editoras e repositórios institucionais, de acordo com a disponibilidade de cada publicação.

Foram adotados como critérios de pertinência a relação do texto com pelo menos um dos objetivos específicos, a identificação de

autoria e ano e a possibilidade de extrair elementos conceituais para a discussão. Os materiais mais diretamente relacionados às aulas de Educação Física receberam centralidade na interpretação, enquanto estudos de Educação Infantil, ensino jurídico e Física foram utilizados para discutir potencialidades metodológicas ou mecanismos pedagógicos gerais. Não se atribuiu a esses últimos o status de evidência empírica direta sobre Educação Física escolar. A seleção resultou, assim, em um corpus intencional de referências, e não em uma revisão sistemática com busca exaustiva de todos os trabalhos disponíveis.

A leitura e a sistematização das referências foram orientadas por três categorias previamente definidas a partir dos objetivos da pesquisa. A primeira categoria examinou formas de utilização didática da música e suas relações com dança, brincadeiras e manifestações culturais. A segunda reuniu discussões sobre coordenação motora, percepção rítmica, desenvolvimento cognitivo, convivência e expressão emocional. A terceira abordou inovação metodológica, integração curricular, autoria discente e avaliação das aprendizagens. A análise teve caráter interpretativo e comparativo, identificando convergências, especificidades de contexto e limites de generalização.

Foram observadas distinções quanto ao tipo de publicação e à população estudada. Trabalhos realizados com crianças da Educação Infantil não foram automaticamente estendidos a estudantes de outros níveis de ensino; relatos de experiências particulares foram discutidos como possibilidades contextualizadas, sem serem convertidos em evidência universal de eficácia. Também se considerou que expressões como motivação, engajamento e desenvolvimento integral podem ser utilizadas com sentidos

diferentes nas fontes, razão pela qual a síntese privilegiou formulações cautelosas e a identificação de condições pedagógicas necessárias à utilização da música.

Tabela 1. Estudos e contribuições para a pesquisa

Autor(es) e ano	**Título do estudo / eixo**	**Contribuição para a análise**
Adorno (2022)	Música e parâmetros do som	Fundamenta experiências de escuta, contraste sonoro e percepção rítmica.
Oliveira, Soares e Fonseca (2022)	Dança na Educação Física infantil	Relaciona dança e experiências corporais ao desenvolvimento e à participação.
Guedes *et al.* (2024)	Lúdico nas aulas de Educação Física	Sustenta estratégias de jogos e brincadeiras como mediações pedagógicas.
Lemos e Venâncio (2025)	Capoeira no 1º ano do Ensino Fundamental	Apresenta prática corporal de matriz cultural em abordagem lúdica.
Amorim (2025)	Linguagem musical e desenvolvimento socioemocional	Amplia a discussão sobre cooperação, expressão emocional e escuta.
Alves *et al.* (2025)	Inovação e integração curricular na Educação Física	Contribui ao debate sobre inovação e contextualização sociocultural.
Ferreira (2025)	Storytelling e Educação Física a distância	Exemplifica a integração entre narrativa, música e ensino de Educação Física.

Fonte: Elaboração própria, 2026.

A sistematização apresentada na Tabela 1 permite visualizar a diversidade de funções assumidas pelas referências: algumas fornecem fundamentos para o uso da música e para experiências corporais, outras discutem mediações lúdicas, e um terceiro grupo amplia a reflexão sobre inovação pedagógica. A interpretação do conjunto foi realizada sem reduzir todas as obras a uma mesma modalidade de estudo, preservando as diferenças entre revisão de literatura, pesquisa acadêmica e relato de experiência. Dessa maneira, a metodologia permitiu organizar uma resposta teórica ao problema de pesquisa, sem substituir a necessidade de investigações de campo sobre efeitos concretos em contextos escolares específicos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise bibliográfica indicou que a música pode assumir diferentes funções na Educação Física escolar, dependendo da relação estabelecida entre recurso sonoro, conteúdo curricular e intencionalidade docente. O primeiro resultado interpretativo foi a identificação de práticas que aproximam escuta e movimento de maneira organizada, como jogos rítmicos, danças, brincadeiras cantadas e manifestações culturais. Adorno (2022) contribui ao abordar os parâmetros do som, enquanto Oliveira, Soares e Fonseca (2022) destacam a relevância da dança no desenvolvimento de experiências corporais. Em conjunto, esses estudos sugerem possibilidades de ensino que envolvem percepção, exploração e criação, deslocando o foco da simples repetição de gestos para a construção de relações entre corpo, tempo e expressividade.

Outra contribuição observada refere-se ao papel da ludicidade como mediadora da participação. Guedes *et al.* (2024) defendem a

importância de práticas lúdicas nas aulas de Educação Física, reforçando que jogos e brincadeiras podem favorecer o envolvimento dos estudantes. A música pode ampliar essas experiências ao organizar desafios coletivos, criar regras variáveis e oferecer sinais auditivos para mudanças de ação. Entretanto, o engajamento não deve ser tomado como sinônimo automático de aprendizagem: uma atividade pode ser divertida e ainda assim não oferecer problemas motores, culturais ou reflexivos relevantes. Por essa razão, o planejamento precisa indicar o que se espera que o estudante perceba, experimente e aprenda ao final de cada proposta.

A presença da música em práticas culturais também se destacou como uma via de inovação curricular. Lemos e Venâncio (2025), ao examinarem uma proposta lúdica de capoeira no primeiro ano do Ensino Fundamental, apresentam um exemplo de abordagem que reconhece uma manifestação corporal em sua dimensão educativa. A musicalidade, nesse contexto, não é um acessório opcional, pois ajuda a compor a lógica da roda e de sua interação coletiva. Esse achado interpretativo reforça a necessidade de trabalhar canções, ritmos, instrumentos e gestos de forma articulada, respeitando os contextos de origem e evitando a transformação de manifestações culturais em atividades desprovidas de história e significado social.

No que se refere ao desenvolvimento motor, os materiais analisados permitem sustentar que propostas rítmicas criam oportunidades para exercitar coordenação, equilíbrio, organização temporal e repertório de movimentos. Oliveira, Soares e Fonseca (2022) associam a dança a experiências diversificadas na infância, e Grando, Duarte e Silva (2026) abordam a música na perspectiva do desenvolvimento integral. Contudo, não é possível estabelecer,

apenas com esse corpus, a magnitude dos ganhos motores ou comparar a música com outras estratégias pedagógicas. Os resultados, portanto, dizem respeito ao potencial das situações de aprendizagem descritas e às condições de sua aplicação, não à comprovação experimental de uma melhora padronizada em desempenho.

Quanto às dimensões cognitivas e socioemocionais, a discussão reuniu contribuições de Ferreira (2024), Amorim (2025), Costa (2026) e Batista (2025). Os trabalhos direcionam a atenção à memória, à percepção, à expressão de emoções, à convivência e ao desenvolvimento integral. Em Educação Física, essas dimensões podem aparecer em decisões coletivas sobre coreografias, no respeito ao tempo de resposta de cada colega, na autorregulação diante de desafios e na capacidade de comunicar ideias por meio do corpo. A interpretação dessas contribuições exige reconhecer que os efeitos dependem da organização pedagógica: a música não substitui a mediação docente nem resolve, isoladamente, problemas de convivência ou dificuldades de aprendizagem.

O terceiro eixo destacou experiências de inovação que aproximam música, autoria discente e novas metodologias. Gomes e Pontes (2025), em experiência no ensino jurídico, associaram a produção musical à sala de aula invertida; Brião (2025) discute a produção musical como recurso potencialmente significativo para a aprendizagem de acústica; Ferreira (2025) apresenta o uso de narrativa e música no ensino de Educação Física a distância. Embora envolvam públicos e objetivos distintos, essas experiências mostram que a música pode integrar metodologias participativas quando o estudante assume posição ativa na construção do material, na interpretação de conteúdos e na socialização de produções. Para a

Educação Física escolar, essa possibilidade se traduz em criações corporais, pesquisas culturais e resoluções colaborativas de problemas de movimento.

A discussão também evidenciou que inovar implica considerar o contexto sociocultural de cada escola. Alves *et al.* (2025) situam a integração curricular e a inovação na Educação Física em uma escola quilombola do Amapá, o que reforça a pertinência de propostas articuladas aos modos de vida e às expressões culturais da comunidade. Música e dança podem favorecer esse vínculo quando o repertório é selecionado a partir de diálogo com estudantes e famílias, respeitando tradições e valorizando manifestações locais. Ao mesmo tempo, o professor deve ampliar o universo cultural dos alunos, promovendo contato crítico com práticas que não fazem parte de seu cotidiano imediato. A inovação, nessa leitura, envolve pertencimento e abertura à diversidade, e não apenas novidade técnica.

Um limite importante identificado refere-se à diferença entre a presença de música e a efetividade do ensino. Sem critérios explícitos, corre-se o risco de avaliar as aulas somente pelo entusiasmo momentâneo ou pela facilidade de reprodução de passos. A avaliação formativa pode registrar progressos em escuta, capacidade de propor movimentos, contextualização cultural, cooperação e reflexão sobre a própria participação. Carneiro (2024) valoriza o uso planejado da música no ensino, enquanto Guedes *et al.* (2024) oferecem subsídios à compreensão da ludicidade como dimensão pedagógica. Isso indica que o recurso precisa compor uma sequência didática articulada, com objetivos, experimentação, conversa sobre a experiência e retomada das aprendizagens observadas.

A acessibilidade constitui outra condição decisiva. A diversidade de alunos inclui diferenças de repertório cultural, níveis de familiaridade com dança, condições motoras e necessidades sensoriais. Uma prática que utiliza apenas comandos musicais pode criar barreiras para estudantes com deficiência auditiva, assim como volumes elevados podem provocar desconforto em estudantes sensíveis ao som. Por isso, as propostas devem incluir instruções visuais e gestuais, possibilidades de escolha, uso de vibrações, intensidades ajustadas e múltiplas formas de participação. Trata-se de uma implicação pedagógica extraída da articulação entre o tema da pesquisa e a necessidade de oferecer condições efetivas de aprendizagem para todos, e não de um resultado quantitativo atribuído aos estudos analisados.

Tabela 2. Síntese dos resultados da análise bibliográfica

Síntese interpretativa	**Implicações pedagógicas para a Educação Física escolar**
Música como linguagem e conteúdo	Explorar parâmetros sonoros, pulsação, pausas e relações entre som e movimento.
Dança e manifestações culturais	Articular expressão corporal, repertórios locais, história e criação coletiva.
Ludicidade e participação	Utilizar jogos rítmicos e brincadeiras com objetivos explícitos de aprendizagem.
Desenvolvimento integral	Promover oportunidades de coordenação, atenção, cooperação e expressão emocional.
Inovação metodológica	Favorecer autoria discente, pesquisa de ritmos e resolução colaborativa de problemas.
Planejamento e avaliação	Estabelecer critérios formativos e registrar processos, não apenas desempenho técnico.

Acessibilidade e diversidade	Prever recursos visuais, ajustes de intensidade e múltiplas formas de participação.

Fonte: Elaboração própria com base nas referências examinadas, 2026.

A Tabela 2 reúne as contribuições mais relevantes identificadas no corpus e permite observar que a principal potencialidade da música reside na ampliação das situações de ensino, e não em um suposto efeito automático sobre o desenvolvimento. A combinação entre ritmo, movimento, linguagem e convivência abre possibilidades de planejamento para diferentes conteúdos da Educação Física. Ao mesmo tempo, a análise mostra a necessidade de formação docente para selecionar repertórios, propor adaptações, integrar saberes e avaliar processos. As obras de Almeida, Narita e Veiga (2025), Carneiro (2024) e Ferreira (2025) contribuem à compreensão de que o recurso musical pode assumir papéis variados conforme o contexto, reafirmando a importância de escolhas didáticas fundamentadas.

Diante dos resultados, a resposta ao problema de pesquisa aponta que a música pode aprimorar as práticas docentes quando é incorporada como linguagem de investigação corporal, referência para criação de movimentos e meio de valorização cultural. Sua contribuição para o ensino e a aprendizagem depende, porém, de coerência entre objetivos, conteúdos, características da turma, estratégias de mediação e acompanhamento. Os estudos diretamente relacionados à Educação Física fortalecem essa interpretação, enquanto as obras sobre Educação Infantil e outras áreas fornecem aproximações conceituais e metodológicas complementares. Assim, a pesquisa permite afirmar a pertinência

pedagógica da integração musical, sem atribuir ao conjunto bibliográfico uma demonstração causal de resultados escolares que ele não produziu.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa possibilitou compreender que a música apresenta potencial para atuar como ferramenta de inovação pedagógica na Educação Física escolar, desde que seja integrada de modo intencional aos conteúdos e às finalidades educativas. A análise bibliográfica evidenciou possibilidades de articulação entre sons, ritmos, movimento, dança, jogos e manifestações culturais, apontando caminhos para aulas que valorizem a participação e a criação dos estudantes. A utilização da música ultrapassa, portanto, a função de acompanhamento sonoro quando se converte em experiência de escuta, investigação, interação e produção de conhecimento corporal.

O objetivo geral foi contemplado por meio da análise das contribuições da música ao aprimoramento das práticas docentes e ao processo de ensino e aprendizagem. Verificou-se que propostas bem planejadas podem favorecer experiências diversificadas de percepção rítmica, expressão corporal, cooperação e contato com repertórios culturais. Entretanto, tais contribuições devem ser compreendidas como potencialidades pedagógicas condicionadas ao contexto, e não como resultados assegurados pela simples presença de música. A mediação docente, a definição de objetivos e a avaliação formativa permanecem elementos indispensáveis à qualidade das experiências propostas.

Em relação ao primeiro objetivo específico, identificaram-se possibilidades de aplicação por meio de jogos musicais, danças, percursos rítmicos, brincadeiras cantadas, percussão corporal, criação coletiva e estudo de práticas culturais como a capoeira. Quanto ao segundo objetivo, observou-se que as experiências musicais podem mobilizar dimensões motoras, cognitivas e socioemocionais, sobretudo quando os alunos precisam coordenar movimentos, antecipar padrões, negociar decisões e respeitar formas diferentes de expressão. Essas dimensões, contudo, não devem ser tratadas como efeitos universais, sendo necessário observar a qualidade e a pertinência das situações de ensino efetivamente oferecidas.

O terceiro objetivo específico foi contemplado pela discussão de estratégias que atribuem maior protagonismo aos estudantes e articulam a música ao planejamento curricular. A criação de sequências corporais, a pesquisa de ritmos, o desenvolvimento de narrativas sonorizadas e a elaboração de pequenas produções coletivas representam alternativas que podem ampliar o repertório metodológico da Educação Física escolar. A inovação se configura, nesse caso, pela transformação dos modos de ensinar, aprender e avaliar, e não somente pela utilização de uma ferramenta diferenciada.

A investigação também demonstrou a importância de enfrentar desafios relacionados à formação docente, à seleção culturalmente responsável do repertório, à acessibilidade e à disponibilidade de recursos. O trabalho musical precisa admitir escolhas, adaptações e percursos variados, garantindo que estudantes com diferentes condições e experiências possam participar. Da mesma forma, a valorização de manifestações locais, indígenas, afro-brasileiras e

populares deve ocorrer com contextualização e respeito, evitando abordagens folclorizantes ou reducionistas. A efetividade da proposta depende de continuidade pedagógica e de compromisso com a formação integral.

Conclui-se que a música pode enriquecer o ensino da Educação Física quando utilizada como instrumento de investigação do movimento, expressão cultural e construção coletiva de aprendizagens. Como o presente estudo foi bibliográfico e reuniu referências de contextos educacionais diferentes, seus resultados não autorizam afirmar uma relação causal direta entre uso da música e melhoria de indicadores de desempenho. Recomenda-se, para pesquisas futuras, desenvolver intervenções acompanhadas por registros de aula, observação, escuta dos estudantes e instrumentos de avaliação formativa, a fim de compreender como diferentes estratégias musicais funcionam em turmas e etapas escolares específicas. A contribuição central deste artigo consiste em oferecer uma base de reflexão para propostas pedagógicas mais criativas, participativas e contextualizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Rosirene Souza. A música como recurso pedagógico na educação infantil: um estudo sobre os parâmetros do som. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto Federal Goiano, Iporá, 2022. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/2778.

ALMEIDA, Daniele de Carvalho; NARITA, Carlos Ossamu Cardoso; VEIGA, Susana Aparecida da. A importância da música na educação

infantil. In: FORMAR O PESQUISADOR: experiências de produção científica na EaD UNITAU. v. 3. 2025. p. 128.

ALVES, Olinda Rocha *et al.* Inovações pedagógicas na Educação Física: integração curricular e impactos no desenvolvimento integral dos estudantes do Sistema de Ensino de Organização Modular – SOME em uma escola quilombola do Amapá. Anais Eventos, 2025.

AMORIM, Rosely dos Santos. A linguagem musical como mediadora do desenvolvimento socioemocional na educação infantil. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2025. Disponível em: https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/18105.

BATISTA, Daliane Rafaela Meira Ribeiro. Educação física e educação positiva: contribuições para o desenvolvimento socioemocional no ensino fundamental. 2025.

BRIÃO, Matheus Constenla. Produção musical como recurso potencialmente significativo para o ensino de acústica na Física. 2025. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologias na Educação) – Instituto Federal Sul-rio-grandense, 2025.

CARNEIRO, Adriana Sofia Figueiredo. Prática de ensino supervisionada: potencializar a música como recurso pedagógico, no processo ensino-aprendizagem. 2024. Relatório de prática de ensino supervisionada (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico) – Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, 2024.

COSTA, Fabiana Faustino. Musicalidade na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento integral da criança.

Repositório Institucional do UNIFIP, v. 11, n. 1, 2026.

FERREIRA, Bárbara Eckley Cardenutto. Música e educação: contribuições para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

FERREIRA, José Ricardo Lopes. A educação física na educação à distância: promovendo competências por meio do storytelling. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, v. 25, n. 3, 2025.

GOMES, Alisson de Sousa; PONTES, Maria Vânia Abreu. Inovação no ensino jurídico: experiência com música e sala de aula invertida. In: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: inclusão, tecnologia e políticas públicas. v. 3. 2025. p. 126-138. DOI: https://doi.org/10.37885/250118636.

GRANDO, Luciana Budart; DUARTE, Juliana Costa Araujo; SILVA, Rozineide Iraci Pereira da. A importância da música no desenvolvimento da educação infantil. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 12, n. 5, p. 1-15, 2026. DOI: https://doi.org/10.51891/rease.v12i5.26825.

GUEDES, Adenise Alexandre de Brito e *et al.* A utilização do lúdico nas aulas de Educação Física escolar. RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber, v. 1, n. 1, 2024.

LEMOS, Fábio Ricardo Mizuno; VENÂNCIO, Washington Luiz. Capoeira no 1º ano do ensino fundamental: perspectiva lúdica na educação física escolar. Motricidades: Revista da Sociedade de

Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, v. 9, n. 1, p. 62-74, 2025. DOI: https://doi.org/10.29181/2594-6463-2025-v9-n1-p62-74.

OLIVEIRA, Ana Paulla Rodrigues; SOARES, Wellington Danilo; FONSECA, Alenice Aliane. A dança na Educação Física infantil. RENEF, v. 5, n. 6, p. 188-199, 2022.

---

[1] Mestrado em Ciências da Educação. UNEG. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.